



## CONCEPÇÕES DE MATERNIDADE EM PROVÉRBIOS AFRICANOS

Domiciano Marciano Lopes De Oliveira<sup>1</sup>

Julio Epalanga Sacalembe<sup>2</sup>

Erica A. Kawakami Mattioli<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho integrou o projeto de pesquisa intitulado 'A intersecção de gênero, raça, etnia, nação e migração internacional na fabricação social da maternagem entre universitárias de Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola' (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC UNILAB/CNPq), por meio do qual buscamos conhecer as concepções de maternidade em África, presentes em provérbios guineenses e angolanos. Os provérbios expressam a filosofia e a espiritualidade das sociedades africanas que mobilizam conhecimentos que vão passando cotidianamente de uma geração para outra. Esses conhecimentos que carregam os provérbios reverberam nas dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Neles, pudemos reconhecer a valorização da categoria "mãe", que reposiciona, de fato, as sociedades africanas como majoritariamente matriarcais e matrilineares. Os provérbios mostram a potência e a força da tradição oral na continuidade de conhecimentos. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos a metodologia qualitativa, cujo objetivo é buscar os significados atribuídos à maternidade nos provérbios, com levantamento bibliográfico em livros, artigos, monografias, teses, dissertações e outros e por meio de entrevistas abertas com pessoas originárias destes países, para mapear os provérbios que conhecem ou dos quais se lembram.

**Palavras-chave:** Maternidade; Provérbios; Identidade; Tradição Oral.

---

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, [domicianolopesdeoliveira@gmail.com](mailto:domicianolopesdeoliveira@gmail.com)<sup>1</sup>

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, [juliosacalembe@gmail.com](mailto:juliosacalembe@gmail.com)<sup>2</sup>

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, [erikawmi@unilab.edu.br](mailto:erikawmi@unilab.edu.br)<sup>3</sup>



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, ‘Concepções de maternidade em provérbios africanos’, integra o projeto de pesquisa mais amplo intitulado ‘A intersecção de gênero, raça, etnia, nação e migração internacional na fabricação social da maternagem entre universitárias de Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola’ e busca identificar as concepções de maternidade expressas em provérbios no continente africano. Os provérbios são utilizados para referenciar uma determinada identidade; incorporam significados e memórias culturais baseados na oralidade, também expressam a filosofia e a espiritualidade das sociedades africanas. Desse modo, mobilizam conhecimentos que vão passando cotidianamente de uma geração para outra. Como explica Vitorino (2020):

Cada provérbio se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, como uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida através da experiência de vida de uma comunidade. O provérbio é, quase sempre, construído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano. [...] Os provérbios possuem inúmeras características, mas para o presente estudo, vamos considerar as mais relevantes, a partir do nosso olhar: a) lidam com relações lógicas; b) podem ser metafóricos; c) são anônimos, frutos da experiência de uma determinada comunidade (povo); d) possuem formas fixas, cristalizadas e recursos linguísticos que favorecem a sua memorização; e) refletem maneiras de pensar universais, verdades palpáveis de conteúdo moral ou prático e de veiculação popular que se reveste com uma aparente simplicidade, de componentes bastante diversos. Na maioria das culturas orais da África Negra, os provérbios constituíam-se em momento de grande privilégio para a transmissão de uma sabedoria tradicional. Por estarem centrados, prioritariamente, em valores comunitários, os provérbios, de certa forma, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de atualizar o conhecimento da experiência ancestral (p. 1-2).

Esses conhecimentos que os provérbios carregam reverberam nas dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Segundo Barbosa (2019, s/p), “desde tempos imemoriais [os provérbios] fazem parte da cultura africana e representam, assim, um modo peculiar de ver o mundo através das palavras”. Em muitos deles, podemos reconhecer a valorização” e concepções em torno da categoria “mãe”.

Remi Akujobi (2011) nos mostra, a partir de seu estudo das literaturas africanas, como a maternidade é o único elemento em que o valor de uma mulher pode ser medido e nos alerta que é necessário questionar essa ideia que, em muitos casos, leva ao constrangimento de mulheres que não têm filhos. A autora nos adverte ainda que o patriarcado atua na desvalorização dessas mulheres, pois “patriarcados podem facilmente implantar noções de maternidade para promover tradições” (AKUJOBI, 2011, s/p) e apoiar a ideia de “Mãe é ouro” para desrespeitar uma mulher sem filho.

Essa dimensão da pesquisa focada na concepção de mãe nos provérbios africanos teve como motivação inicial uma experiência pessoal, pois sou órfão desde os meus cinco anos de idade e fui criado por minha avó. No decorrer da minha infância e adolescência, pude perceber a relação afetuosa dos meus colegas com ela, os quais até o presente momento a identificam como minha mãe biológica.

## METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho fundamentou-se na pesquisa bibliográfica como técnica e procedimento de coleta dos dados e elaboração crítica e descritiva do material. O levantamento bibliográfico considerou inicialmente a produção acadêmica relativa ao conceito de maternidade e o estudo dos provérbios africanos em artigos científicos disponíveis em plataformas online.



A partir do levantamento bibliográfico, foram selecionados os textos para serem traduzidos e estudados. Posteriormente, pretendemos avançar na exploração e estudo do tema em livros, teses, dissertações e ainda contar com a colaboração de pessoas que possam nos contar sobre os provérbios em suas comunidades, cujos conteúdos se relacionem com a concepção de maternidade em África.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o desenvolvimento deste trabalho, pudemos avançar em estudos em torno das concepções de maternidade em África, com apoio, de materiais que se encontravam em língua portuguesa e inglesa. Aqui destacamos alguns que foram fundamentais para o seguimento da pesquisa, que terá continuidade na modalidade Trabalho de Conclusão de Curso (OLIVEIRA, 2023-2025).

A concepção da maternidade em África vem sendo discutida por intelectuais e escritoras e escritores africanos nos últimos anos, com os quais buscamos entender os valores socioculturais e religiosos em torno das concepções de maternidade porque a maternidade em África não é pensada só a partir da reprodução ou da fertilidade do corpo, mas sim como identidade.

Nesta perspectiva, Dominica Dipio (2019) traz reflexões sobre as práticas culturais que reverberam na ideia matriarcal. A autora nos mostra a concepção de matriarcado a partir da mutualidade e não como um sistema de dominação como o patriarcado, porém exercido pela matriarca. Ao contrário, ela expõe que “os diferentes gêneros tinham seus papéis de modo que essa relação não se caracterizou pela dominância de um gênero sobre o outro, mas sim pela mutualidade” (p. 5). Essa mutualidade é de suma importância na sociedade africana, porque nela a reciprocidade é central. Com base nisso, realça que vários estudiosos questionam a noção de patriarcado como uma ordem hegemônica nas comunidades africanas e levam em consideração a questão do gênero para abordar as características das sociedades matriarcais.

Vários provérbios analisados por Dipio (2019) nos fazem pensar a maternidade como uma identidade relacionada à agricultura ou alimentação. Desse modo, a mãe é um alicerce de qualquer que seja a sociedade matriarcal. Por outro lado, Dipio salienta que a mãe une os filhos através da comida e do carinho. O provérbio “o olho grande da mãe” (Ma’Di/ Uganda) é usado para referir-se “à visão e sabedoria de uma mãe em racionar cuidadosamente as provisões da família para garantir que todos sejam atendidos de acordo com suas necessidades” (p.15). Isso mostra que a mãe está associada à organização ou construção de uma comunidade africana.

De acordo com Lorelle Semley (2012), a maternidade se encaixa em termos de três aspectos: biológica, sócio-histórica e cultural/discursiva. Em diálogo com Anna Julia Cooper, que discute as noções de maternidade, Semley mostra a intervenção intelectual e a inovação de estudiosos negros no estudo da maternidade, gênero e história em que vários estudiosos da África Ocidental tentam diferenciar as posições de mães, esposas e irmãs. Assim, é necessário entender que a mãe na África Ocidental é tida como anciã pós-menopáusicas que tem uma relação do poder com o ser sobrenatural e não como esposas grávidas que muitas vezes ocupam uma posição de subordinação, embora a primeira esposa possa exercer alguma influência sobre as noivas subsequentes. Dessa forma, é necessário pensar sobre diferentes comunidades africanas, onde a maternidade pública pode ser entendida como as mulheres exercendo sua influência política correlacionando com o seu papel de mãe biológica, como no caso da Guiné-Bissau, em que esses aspectos de maternidade pública atualmente têm repercussão na construção da sociedade. Por conseguinte, podemos destacar que a maternidade pública pode ser exercida por uma mulher que não tem filho biológico, mas que cuida dos outros mesmo que não exerça influência política, mas que tem esse status e força reconhecida na



comunidade.

O termo “mãe pública” na sociedade Iorubá serve como uma parte do título oficial de mulheres sacerdotes e ministros reais, e nos nomes tanto de “bruxas”; quanto de mulheres divinas ou sagradas, ou seja, a noção de maternidade carrega vários e amplos significados. Nessa perspectiva, autora tomou emprestado o termo “maternidade pública” de Chikwenye Okonjo Ogunyemi que é uma autora nigeriana pelo qual aborda as questões da maternidade africana (Ogunyemi apud Semley, 2012; p. 601). A autora vem distinguindo a mulher mais velha como mãe pública e a mais jovem como esposa, mostrando a importância das duas na comunidade. O termo maternidade pública de Ogunyemi concentra-se na metáfora e simbolismo da maternidade como base da autoridade das mulheres mais velhas. Também Semley destaca a autora Oyèrónké Oyèwùmí para uma importante intervenção teórica ao diferenciar esposas e mães, a fim de explicar a peculiaridade do poder das mais velhas.

A maternidade é um dos grandes suportes cultural e social nas sociedades africanas, principalmente na sociedade guineense, em que as mães são respeitadas em suas comunidades. Na Guiné-Bissau, com frequência, a mãe é responsável pela educação escolar e sustento dos filhos e da família. Sob o ponto de vista de Mendes (2017), a maternidade na África é tida como uma forma de riqueza e ela não significa uma posição de inferioridade com relação aos homens, mas sim como uma figura central da sociedade africana. A autora mostra que no período pré-colonial, as mulheres africanas tinham acesso à terra e exerciam papéis importantes na vida política e religiosa de suas comunidades. No entanto, o colonialismo afetou as dinâmicas culturais em África e introduziu uma política segregacionista em que a divisão do trabalho impedia a circulação efetiva de bens e serviços das mulheres nas comunidades rurais onde passaram a ocupar um papel primordialmente doméstico.

Semley (2012) destaca que é de extrema importância entender que o corpo material da mãe pode ser definido de maneiras variadas, pelo qual é necessário compreender os discursos culturais que definem as mães em diferentes contextos históricos. Assim, o estudioso Obioma Nnaemeka, citado por Semley, cunha seu próprio termo afim de ilustrar o feminismo africano como ‘negofeminism’ [negofeminismo], ou ‘feminism of negotiation’ [feminismo de negociação] e ‘no ego feminism’ [feminismo sem ego], em contraste com “a viagem do ego que engendra arrogância feminista, imperialismo e lutas pelo poder”. A autora mostra que o termo é utilizado para argumentar que um aspecto recorrente em muitas culturas africanas pode ser usado para nomear a prática da maternal (p. 612).

Abaixo, apresentamos alguns provérbios guineenses e angolanos que mobilizam a noção da maternidade.

Em Guiné-Bissau:

Mamé i firkidja de casa: A mãe é o suporte da família

Fidju nunca padido trás disi mamé: Nunca o filho nasceu na ausência da mãe

Abo i nha ponta de tripa: Fui eu que lhe pariu

Sibu ka tene mamé buta mamá dona: Quando uma pessoa não desfruta da mãe pode desfrutar da avó

Bianda sabi kata tarda na cabaz: Uma boa mãe (pessoa) não demora no mundo

Padida de dus mamá: A mãe que não se preocupa somente com o seu filho, mas qualquer que seja o filho que não é dela

Em Angola :

Ó henda dya mama nunca wadibale: O amor de mãe nunca acaba/ Nunca tem fim

Ó kufwa kwa mama, kunjimbindila kwa mona: A morte da mãe é a morte do filho/ Com a morte da mãe o filho perde o seu principal amparo

## CONCLUSÕES

É necessário pensar a maternidade a partir de uma perspectiva africana e não eurocêntrica, e atentar-se às demais formas de compreender a noção de mãe e o quanto a maternidade é importante na construção das identidades na sociedade africana. Em Guiné-Bissau, é comum que os mais velhos digam que “as mulheres devem ser respeitadas porque sem elas não vamos estar aqui presentes”, e isso não só se refere uma mulher mãe, mas a toda mulher, principalmente as mais velhas. Esses ditos estão presentes nos provérbios deste há muito tempo e estudá-los é uma forma de conhecer a riqueza e a força da tradição oral na produção e circulação de conhecimentos em nossas sociedades.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UNILAB), da UNILAB pela concessão da bolsa de IC (Edital PROPPG 02-2021; vigência: 01/10/2021 a 30/09/2022), sem a qual esta pesquisa não teria sido viabilizada

## REFERÊNCIAS

- AKUJOBI, Remi. Motherhood in African Literature and Culture. CLCWeb: Comparative Literature and Culture, Vol. 13, Issue 1, Article 2, (p. 1-10), March, 2011.
- BARBOSA, Rogério Andrade. A orelha vai à escola todos os dias. Editora do Brasil, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo, Boitempo, 2019.
- DIPIO, Dominica. African motherhood proverbs and worldview: A matriarchal perspective. Legon Journal of the Humanities, Vol. 30, No. 1, Special Issue, (p. 3-23), 2019.
- MENDES, Maria Elizabeth P. S. M. Configurações da Maternidade Africana em Yvonne Vera: em busca de novos olhares. Florianópolis, 2017, p. 1-12.
- SEMLEY, Lorelle Denise. Public Motherhood in West África as Theory and Practice. Gender & History, Vol. 24, No. 3, (p. 600 - 616), November, 2012.
- OYEWUMI, Oyeronke. Abiyamo: Theorizing African Motherhood. Jenda, n. 4, 2003.
- VITORINO, César Costa. Provérbios africanos em tampas de panelas de barro. O olhar linguístico e a Sociologia das Emoções. III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos. 08 a 16 de Outubro de 2020 - PPGS\Universidade Federal de Sergipe.